

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FARMÁCIA

EVERLIN DE ASSUNÇÃO FERREIRA
MAYARA DE ALMEIDA ALVES
WILLYANA DA SILVA DE PAULA

**A influência das redes sociais na automedicação: uma revisão de
literatura**

RECIFE/2025

**EVERLIN DE ASSUNÇÃO FERREIRA
MAYARA DE ALMEIDA ALVES
WILLYANA DA SILVA DE PAULA**

**A influência das redes sociais na automedicação: uma revisão de
literatura**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Disciplina TCC II do
Curso de Bacharelado em Farmácia do
Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos
para conclusão do curso.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Hortência
Farias de Andrade.

RECIFE
2025

**EVERLIN DE ASSUNÇÃO FERREIRA
MAYARA DE ALMEIDA ALVES
WILLYANA DA SILVA DE PAULA**

**A INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NA AUTOMEDICAÇÃO: uma
revisão de literatura**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Farmácia do
Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Hortência Farias de Andrade. – Doutora

Examinador 1 – Titulação

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____

Data: ____/____/____

“Cuidar é um ato de humanidade que combina
conhecimento, empatia e responsabilidade.”

Drauzio Varella

RESUMO

A disseminação de informações sobre saúde nas redes sociais tem modificado significativamente o comportamento dos indivíduos em relação ao uso de medicamentos, uma vez que o fácil acesso a conteúdos produzidos por influenciadores digitais e usuários leigos tem estimulado práticas de autodiagnóstico e automedicação sem orientação profissional. Este estudo tem como objetivo investigar, por meio de uma revisão de literatura, a influência das redes sociais na automedicação e seus impactos para a saúde pública no Brasil. Foram analisados artigos científicos, relatórios institucionais e estudos recentes sobre o tema, com ênfase na veiculação de conteúdos por influenciadores digitais, no autodiagnóstico e na exposição de populações jovens a informações não validadas. Os resultados evidenciam que a automedicação incentivada por conteúdos digitais contribui para o uso inadequado de medicamentos, aumento da resistência microbiana, casos de intoxicação e sobrecarga dos serviços de saúde. Conclui-se que a implementação de estratégias de educação digital, regulamentação de conteúdos e políticas públicas de conscientização é essencial para mitigar os riscos associados à automedicação influenciada pelas redes sociais. O estudo fornece subsídios para profissionais da saúde, especialmente farmacêuticos, na orientação segura sobre o uso de medicamentos e na promoção de práticas responsáveis de saúde digital.

Palavras-Chave: Automedicação; Redes sociais; Influenciadores digitais; Saúde pública.

The Influence of Social Media on Self-Medication: A Literature Review

ABSTRACT

The dissemination of health information on social media has significantly changed individuals' behavior regarding the use of medications, as the easy access to content produced by digital influencers and non-professional users has encouraged self-diagnosis and self-medication without professional guidance. This study aims to investigate, through a literature review, the influence of social media on self-medication and its impacts on public health in Brazil. Scientific articles, institutional reports, and recent studies on the topic were analyzed, with emphasis on the dissemination of content by digital influencers, self-diagnosis, and the exposure of young populations to unverified information. The results show that self-medication encouraged by digital content contributes to the inappropriate use of medicines, increased microbial resistance, cases of intoxication, and overburdening of health services. It is concluded that implementing digital education strategies, content regulation, and public awareness policies is essential to mitigate the risks associated with self-medication influenced by social media. The study provides support for healthcare professionals, especially pharmacists, in promoting the safe use of medicines and responsible digital health practices.

Keywords: Self-medication; Social media; Digital influencers; Public health.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
COVID-19	<i>Coronavirus Disease 2019</i>
eHEALS	<i>eHealth Literacy Scale</i> (Escala de Letramento Digital em Saúde)
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
LS	Literacia em Saúde
PDF	<i>Portable Document Format</i>
PUBMED	<i>Public/Publisher MEDLINE</i> (Base de dados biomédica internacional)
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Materiais e métodos.....	9
3. Resultados.....	10
4. Discussão.....	12
5. Considerações finais.....	15
6. Referências.....	18

1. Introdução

O avanço das tecnologias digitais e a popularização das redes sociais transformaram a forma como os indivíduos acessam informações em diversas áreas da vida cotidiana, incluindo a saúde. Plataformas como Instagram, TikTok, YouTube e WhatsApp deixaram de ser apenas meios de interação social e se consolidaram como espaços de disseminação de conteúdos sobre sintomas, tratamentos e medicamentos¹. Nesse contexto, a automedicação surge como um fenômeno cada vez mais associado ao consumo de informações digitais, despertando preocupações sobre seus efeitos na saúde pública²⁻³.

No Brasil, a automedicação não é um comportamento recente. Ela se relaciona tanto ao fácil acesso a medicamentos quanto às limitações do sistema público de saúde⁴. Essas dificuldades estruturais incentivam a busca por soluções rápidas e informais para problemas de saúde. Dados do Conselho Federal de Farmácia indicam que aproximadamente 77% da população brasileira já recorreu à automedicação, dados de 2019. Pesquisas mais recentes do Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ) indicam que a taxa de automedicação no Brasil pode chegar a 89% ou 90% da população, um aumento em relação a anos anteriores.⁵⁻⁶ Entre os medicamentos mais utilizados sem prescrição estão analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos⁴⁻⁷. Apesar de socialmente difundida, a automedicação pode acarretar riscos clínicos graves, como intoxicações, interações medicamentosas, resistência bacteriana e mascaramento de doenças⁸⁻⁹.

A ascensão das redes sociais intensifica esse comportamento, especialmente entre jovens. Esses usuários consomem conteúdos de influenciadores digitais que frequentemente não têm formação na área da saúde¹⁰. Os influenciadores compartilham rotinas, produtos farmacêuticos e experiências pessoais, alcançando grande número de usuários. Esse cenário cria um ambiente de validação social em torno do uso de medicamentos sem orientação adequada. O fenômeno também se relaciona ao autodiagnóstico e à “cybercondria”, situações em que informações fragmentadas ou incorretas levam os indivíduos a interpretar sintomas de forma equivocada e adotar tratamentos por conta própria^{1,10-11}.

A problemática que orienta este estudo busca responder: de que forma os conteúdos compartilhados nas redes sociais influenciam a prática da automedicação? Quais são os impactos dessa influência na saúde pública? Parte-se da hipótese de que informações provenientes de fontes não especializadas contribuem para a automedicação, aumentando riscos individuais e coletivos e sobrecarregando o sistema de saúde¹².

Além dos impactos clínicos, a automedicação influenciada pelas redes sociais apresenta repercussões sociais importantes. O compartilhamento de informações não validadas facilita a disseminação de práticas inadequadas e reforça comportamentos de risco¹⁰. Esse ciclo de normalização do uso de medicamentos sem supervisão profissional é particularmente crítico entre jovens, que possuem maior exposição às plataformas digitais e menor discernimento crítico em relação à veracidade dos conteúdos consumidos¹.

O uso indiscriminado de medicamentos, especialmente antibióticos, acelera a resistência microbiana, aumenta complicações clínicas e demanda maior intervenção médica, sobrecarregando o sistema de saúde^{8, 10}. A automedicação baseada em informações digitais também desafia órgãos reguladores e profissionais de saúde, que frequentemente precisam lidar com pacientes medicados inadequadamente ou com quadros agravados^{5-6, 13}.

Compreender a influência das redes sociais sobre a automedicação é essencial para definir estratégias educativas e políticas públicas mais eficazes¹². Iniciativas de educação digital em saúde, combinadas com campanhas de conscientização e regulamentação de conteúdos, podem reduzir impactos negativos. A pesquisa sobre esse fenômeno também fortalece o papel do farmacêutico como agente de orientação segura ao uso de medicamentos, evidenciando sua importância na promoção da saúde e na prevenção de riscos associados à automedicação³.

A literacia em saúde (LS) e o letramento em saúde digital (eHealth literacy) referem-se à capacidade de buscar, compreender e aplicar informações de saúde obtidas em plataformas digitais. Esses fatores são determinantes para a tomada de decisão em saúde e para a autogestão, sendo especialmente relevantes em contextos de maior exposição às redes sociais, onde informações não validadas podem influenciar comportamentos, como a automedicação¹².

Investigar a influência das redes sociais na automedicação revela-se um tema de alta relevância social e científica. No campo da Farmácia, envolve questões relacionadas à segurança do uso de medicamentos, educação em saúde e políticas públicas de informação sanitária. Compreender como esse fenômeno se estrutura e quais são suas consequências permite propor estratégias que unam educação digital, regulação de conteúdos e práticas de promoção da saúde, capazes de mitigar os danos associados à automedicação¹¹.

2. Material e Métodos

O presente trabalho caracteriza-se como uma revisão de literatura sistemática, de caráter qualitativo e descritivo. Foram analisadas publicações científicas e documentos institucionais, incluindo normas e legislações sobre rastreabilidade de medicamentos sujeitos a controle especial, seguindo a metodologia de Lopes e Fracolli (2008). Essa abordagem garante seleção e análise rigorosas, transparentes e reproduzíveis, reduzindo vieses e aumentando a confiabilidade dos resultados.

O levantamento de dados ocorreu entre agosto e setembro de 2025. Foram usadas as bases PubMed, Scielo e LILACS, além de busca manual no Google Scholar. O recorte de 2020 a 2025 contemplou os estudos mais recentes sobre automedicação e redes sociais. Esse período inclui mudanças significativas no comportamento digital e no acesso à informação durante a pandemia de COVID-19. Os eixos temáticos foram inicialmente definidos com base na literatura. Ajustes foram feitos conforme padrões emergentes identificados durante a leitura dos estudos. Foram considerados artigos em português e inglês. Por outro lado, artigos duplicados, estudos de opinião sem fundamentação científica e publicações sem acesso ao texto completo foram excluídos da análise.

A seleção dos estudos ocorreu em três etapas. Primeiramente, realizou-se a identificação de artigos por meio de busca estruturada utilizando palavras-chave e operadores booleanos^a, como “automedicação AND redes sociais” e “self-medication AND social media”. No caso do Google Scholar, além da busca por palavras-chave, foram aplicados filtros para excluir termos irrelevantes, utilizando o atalho “- artigos de revisão”, e para selecionar apenas trabalhos completos em formato PDF, de modo a refinar os resultados. Em seguida, realizou-se a triagem dos artigos com base na leitura de títulos e resumos, a fim de avaliar sua relevância e adequação ao tema. Por fim, procedeu-se à análise completa do conteúdo dos estudos selecionados,

^a Símbolos ou palavras usados para combinar termos em buscas em bancos de dados, motores de busca ou sistemas de informação, permitindo refinar e tornar mais precisas as pesquisas.

extraindo informações sobre autores, ano de publicação, população estudada, principais achados e conclusões.

Para a organização e análise dos dados, os estudos foram categorizados segundo critérios temáticos, permitindo a identificação de padrões sobre a influência das redes sociais na automedicação, os medicamentos mais utilizados sem prescrição e os riscos clínicos e sociais associados a essa prática. A análise buscou ainda compreender o impacto da automedicação baseada em conteúdos digitais na saúde pública, destacando implicações para profissionais da área farmacêutica, políticas de educação em saúde e regulamentação de informações online. Todos os estudos incluídos foram devidamente citados no texto, garantindo rastreabilidade das informações e confiabilidade científica.

A Tabela 1 apresenta o resumo da quantidade de artigos encontrados, excluídos e incluídos em cada base de dados utilizada neste estudo, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos.

Tabela 1 – Resumo da busca, exclusão e inclusão de artigos nas bases de dados
Table 1 – Summary of Article Search, Exclusion, and Inclusion in Databases

Base de dados	Artigos encontrados	Artigos excluídos	Artigos incluídos
LILACS	166	166	0
PUBMED	4	0	1
SCIELO	44	42	4
Google Scholar	155	148	12

Fonte: Elaborado pelos autores
Source: Prepared by authors

Observa-se que a maior parte dos artigos encontrados nas bases LILACS e Google Scholar foi excluída por não atender aos critérios do estudo, sendo que apenas 17 artigos foram incluídos para análise final, refletindo a seletividade e rigor metodológico da revisão

3. Resultados

A análise dos 17 estudos selecionados permitiu identificar padrões relacionados à automedicação mediada por conteúdos de redes sociais e seus impactos na saúde pública. A Tabela 2 apresenta um resumo dos artigos incluídos na revisão sistemática, indicando autor e ano, tema do estudo, objetivos principais e principais achados. Essa organização permite visualizar de forma objetiva os fatores associados à automedicação, os medicamentos mais utilizados sem prescrição e os contextos em que a influência das redes sociais foi mais significativa. Os artigos foram organizados segundo autor, tema, objetivos e principais achados, permitindo identificar padrões recorrentes de automedicação mediada por redes sociais

Tabela 2 – Automedicação e redes sociais: principais resultados
Table 2 – Self-medication and social media: main findings

Autor	Título / Tema do Estudo	Objetivos Principais	Resultados principais
[14]	Automedicação entre universitários e fatores associados	Identificar frequência e motivos da automedicação	Comum entre universitários, especialmente de Farmácia; analgésicos e anti-inflamatórios mais usados;

			cefaleia, sintomas gripais e dores musculares.
[13]	Automedicação durante a pandemia de COVID-19	Avaliar prevalência e fatores associados	68% fizeram automedicação; maior em jovens, mulheres, universitários públicos; aumento do papel da internet.
[11]	Influência de “patient influencers” nas práticas de autocuidado	Analisar influência de influenciadores digitais	Influenciadores motivam automedicação e difundem informações leigas; vínculo emocional com seguidores.
[8]	Conteúdos sobre emagrecimento no TikTok	Avaliar abordagem e medicamentos citados	Homens focam em tratamento; mulheres em experiências pessoais; sibutramina, liraglutida e semaglutida citadas.
[15]	Engajamento de conteúdos sobre emagrecimento e uso de semaglutida	Comparar vídeos de profissionais e não profissionais	Não profissionais têm maior alcance e publicam mais; médicos alertam sobre riscos, mas têm menor engajamento.
[8]	Automedicação para emagrecimento e riscos associados	Identificar fármacos e efeitos adversos	Anorexígenos, termogênicos e suplementos usados sem prescrição; efeitos adversos cardiovasculares, gastrointestinais e psiquiátricos.
[4]	Automedicação e fatores socioculturais no Brasil	Investigar motivações e padrões	Correria do dia a dia, propagandas, influência familiar e reutilização de receitas; analgésicos, antitérmicos e relaxantes musculares mais usados.
[2-3, 13, 16]	Automedicação e disseminação de informações durante a pandemia de COVID-19	Avaliar papel das redes sociais na desinformação	73,6% usaram medicamentos off-label; redes sociais favoreceram automedicação por medo e ansiedade.
[11]	Literacia e letramento digital em saúde	Validar instrumentos de eHealth literacy	Baixa literacia associada a maior risco de automedicação inadequada; escalas LS e eHEALS confiáveis.

[9]	Caso clínico: uso de Ozempic® influenciado por redes sociais	Descrever automedicação induzida por redes sociais	Uso sem prescrição levou a náusea, alterações hepáticas e hospitalização; influenciado por vídeos online.
[1]	Hábitos digitais e busca por informações de saúde entre universitários	Analisar frequência de uso da internet e busca por informações	98,5% acessam a internet diariamente; 73,7% buscam informações de saúde; alto risco de automedicação não supervisionada.
[8, 6]	Regulação e políticas públicas sobre propaganda farmacêutica	Avaliar mecanismos de regulação da ANVISA	Projeto de Monitoração orienta consumo seguro e reduz riscos da automedicação.

Fonte: Elaborado pelos autores
Source: Prepared by authors

4. Discussão

A análise dos artigos incluídos revelou padrões na automedicação influenciada por conteúdos em redes sociais, identificando os medicamentos mais usados, o papel dos influenciadores digitais e os riscos clínicos e sociais envolvidos. Os resultados destacam impactos na saúde pública e reforçam a necessidade de estratégias educativas, regulamentação do conteúdo online e orientação farmacêutica para prevenir danos do uso inadequado de medicamentos.

Diante da relevância crescente da automedicação entre jovens, especialmente com a influência das redes sociais, a literatura indica que essa prática é comum entre universitários, particularmente aqueles com maior acesso a plataformas como Instagram e WhatsApp, que orientam suas escolhas de medicamentos. Cefaleia, sintomas gripais e dores musculares são os principais motivos, com analgésicos e anti-inflamatórios sendo os mais usados. Fatores como facilidade de acesso e experiência prévia aumentam a prática, sobretudo entre estudantes de Farmácia, que se sentem mais confiantes pelo conhecimento técnico. Apesar de representar autocuidado, a automedicação inadequada envolve riscos significativos, como interações medicamentosas, efeitos adversos, insucesso terapêutico, resistência medicamentosa e farmacodependência¹⁴.

Uma pesquisa com universitários brasileiros durante a pandemia de COVID-19 identificou que 68% recorreram à automedicação com analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos, principalmente para dores de cabeça, musculares, gripe, dor de garganta e febre. Antes da pandemia de COVID-19, familiares e amigos eram as principais fontes de informação, enquanto durante a pandemia a internet passou a ter papel crescente, evidenciando a influência das redes sociais na decisão de automedicação. Idade jovem (18–29 anos), sexo feminino, estudantes de universidades públicas, experiência prévia com sintomas e percepção de boa saúde foram associados a maiores taxas de automedicação. Esses achados indicam que

informações digitais e sociais, aliadas à familiaridade com sintomas e medicamentos, influenciam a prática de automedicação, reforçando a necessidade de educação para o uso seguro de medicamentos e consumo crítico de informações online¹³.

Depoimentos de “patient influencers” nas redes sociais moldam comportamentos de autocuidado e incentivam a automedicação entre jovens. Esses influenciadores compartilham experiências pessoais com sintomas, tratamentos e efeitos colaterais, orientando seguidores a práticas de autocuidado e uso de medicamentos para alívio de sintomas, mesmo enfatizando a consulta a profissionais de saúde. A interação direta com seguidores cria vínculo emocional, legitimando as práticas compartilhadas e potencializando a difusão de informações médicas leigas, com impacto na percepção de risco e adesão a tratamentos¹¹.

A produção de conteúdo sobre emagrecimento no TikTok apresenta uma distribuição de gênero relativamente equilibrada, com participação similar de mulheres e homens, sendo que, entre os vídeos produzidos por profissionais da saúde, também há equilíbrio entre os sexos. Observa-se, contudo, diferenças na abordagem dos conteúdos: homens tendem a focar em indicações e orientações de tratamento, enquanto mulheres compartilham experiências pessoais relacionadas à perda de peso e hábitos corporais. Os medicamentos mais frequentemente citados nos vídeos analisados foram a sibutramina, a liraglutida e a semaglutida, sendo que seu uso indiscriminado ou off label para emagrecimento representa riscos à saúde, incluindo efeitos cardiovasculares, gastrointestinais e intoxicações medicamentosas⁸.

Os dados observados mostram que vídeos sobre emagrecimento nas redes sociais têm maior engajamento quando produzidos por não profissionais de saúde, com média de 56.826 curtidas, seguidos por médicos (31.349), farmacêuticos (6.571) e nutricionistas (3.411). Os não profissionais também publicam cerca de duas vezes mais vídeos que a soma dos demais profissionais. Enquanto médicos destacam efeitos colaterais, os não profissionais focam em relatos de perda de peso e dosagem, muitas vezes sem alertar sobre riscos. Esse padrão contribui para a popularização de medicamentos como a semaglutida (Ozempic®), cujo uso off label pode causar efeitos adversos graves e agravar transtornos alimentares, reforçando a necessidade de orientação profissional e informação baseada em evidências¹⁵.

A literatura indica que os medicamentos mais utilizados na automedicação para emagrecimento incluem anorexígenos, termogênicos e suplementos à base de substâncias estimulantes, frequentemente utilizados sem prescrição médica. O uso inadequado desses fármacos está associado a efeitos adversos como alterações cardiovasculares, distúrbios gastrointestinais e sintomas psiquiátricos, incluindo ansiedade, insônia e depressão, além de dependência e redução da eficácia de tratamentos futuros. Nesse contexto, campanhas educativas voltadas para conscientização sobre riscos, orientação nutricional e promoção de hábitos saudáveis surgem como estratégias essenciais para prevenir danos, destacando a importância de unir informação, regulamentação e acompanhamento profissional⁹.

Essa influência das redes sociais se insere em um contexto mais amplo observado na literatura brasileira, que evidencia que a automedicação é motivada principalmente pela correria do dia a dia, propagandas de medicamentos com promessas de “curas milagrosas”, influência de familiares e o hábito de reutilizar prescrições antigas, resultando em aumento do consumo de fármacos sem supervisão profissional. Os medicamentos mais utilizados incluem analgésicos, antitérmicos e relaxantes musculares, com risco de efeitos adversos como intoxicações, alergias, interações medicamentosas e resistência microbiana, reforçando a necessidade de orientação profissional⁴.

As redes sociais exerceram papel central na disseminação de informações sobre a COVID-19, influenciando comportamentos de automedicação. Plataformas como Instagram, WhatsApp e Twitter facilitaram o suporte social e o acesso a serviços de saúde mental durante a pandemia⁵⁻⁶. Diante da propagação de informações falsas ocorre a recomendação de medicamentos sem comprovação científica, dificultando a atuação dos profissionais de saúde¹². Nesse contexto, 73,6% dos indivíduos fizeram uso eventual de medicamentos off-label, como ivermectina, azitromicina e vitaminas A, C, D e do complexo B, sem orientação profissional, motivados pelas mídias digitais e por supostos médicos¹⁶. Esses dados corroboram pesquisas que mostram aumento na ansiedade, medo de contaminação e maior demanda por entregas domiciliares de medicamentos^{2,16}.

A literacia em saúde (LS) e o letramento digital em saúde (eHealth literacy) são determinantes na compreensão de informações sobre medicamentos obtidas online. Indivíduos com menor capacidade de interpretação tendem a adotar práticas de automedicação inadequadas, aumentando riscos clínicos. A Escala de Literacia em Saúde e a eHEALS, validadas para a população idosa no Brasil, mostraram estrutura unidimensional, validade de conteúdo confirmada por grupos focais e confiabilidade adequada (α , Ômega e CC), com validade convergente aceitável. Esses resultados indicam variação na capacidade de acessar, compreender e aplicar informações digitais de saúde, reforçando a necessidade de intervenções educativas para promover uso seguro de conteúdo online¹².

O caso da publicitária Gabriela, que usou Ozempic® sem orientação médica influenciada por vídeos nas redes sociais, exemplifica os padrões de automedicação digitalmente mediada observados na literatura. A popularização de medicamentos para emagrecimento em plataformas como TikTok e Instagram, somada a depoimentos de não profissionais de saúde, influencia decisões individuais, especialmente entre jovens. O relato evidencia os riscos do uso inadequado da semaglutida, como náusea intensa, alterações hepáticas e hospitalização, mostrando que a automedicação, embora vista como autocuidado, pode trazer graves consequências à saúde¹⁰.

Uma pesquisa com 137 estudantes universitários revelou que a maioria era jovem (18-25 anos, 88,3%) e do sexo feminino (70,8%). Quase todos acessam a Internet diariamente (98,5%), permanecendo conectados por mais de quatro horas (82,4%), principalmente via celular (98,5%). Observou-se que 73,7% buscam informações sobre saúde on-line, 90,5% reconhecem a importância das redes sociais para educação em saúde e 94,2% consideram a Internet relevante nesse contexto. Esses dados evidenciam que os estudantes estão inseridos em um ambiente de fácil acesso a conteúdo de saúde, favorecendo o surgimento do “paciente expert” e ampliando o risco de automedicação por informações não verificadas¹.

Políticas públicas e regulamentações da propaganda farmacêutica, como o Projeto de Monitoração da ANVISA, representam instrumentos essenciais para reduzir danos à saúde individual e coletiva, orientando o consumo seguro de fármacos e prevenindo efeitos adversos decorrentes do uso inadequado. A atuação desses profissionais, aliada à informação baseada em evidências e à supervisão do consumo de medicamentos, reforça a necessidade de uma abordagem integrada que combine educação, regulação e acompanhamento profissional, especialmente diante do aumento da influência das redes sociais sobre decisões de automedicação⁵⁻⁶.

5. Considerações finais

O estudo evidenciou que a automedicação entre jovens, especialmente universitários, é influenciada por conteúdos em redes sociais e por depoimentos de “patient influencers”. Analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos e medicamentos para emagrecimento, como anorexígenos e termogênicos, são os mais utilizados sem prescrição, apresentando riscos clínicos, como efeitos adversos, dependência e resistência medicamentosa. A literacia em saúde e o letramento digital em saúde são determinantes na adoção de práticas seguras. Indivíduos com menor capacidade de interpretar informações digitais têm maior propensão à automedicação inadequada. Instrumentos como a Escala de Literacia em Saúde e o eHEALS permitem identificar grupos vulneráveis e orientar intervenções educativas.

Políticas públicas e regulamentações, como o monitoramento da propaganda farmacêutica pela ANVISA, são essenciais para reduzir riscos e orientar o uso racional de medicamentos. Educação em saúde, supervisão profissional e regulação de conteúdos digitais contribuem para prevenir danos e promover práticas seguras de autocuidado. O estudo reforça a necessidade de estratégias integradas que considerem o impacto das redes sociais na saúde pública e direcionem ações de prevenção e educação voltadas para o consumo responsável de medicamentos.

6. Referências

1. Nascimento de Albuquerque R, Ribeiro Lins AM. A Internet e as redes sociais como espaços de educação em saúde. CadUniFOA [Internet]. 2022 Jul 18 [cited 2025 Sep 25];17(50):1-8. Available from: <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/3967>
2. Nascimento AR, Ribeiro LAM. A Internet e as redes sociais como espaços de educação em saúde. CadUniFOA [Internet]. 2022. 17(50):1-8. Available from: <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/3967>
3. Botelho LV; Canella, DS. (2020). COVID-19 e ambiente alimentar digital no Brasil: reflexões sobre a influência da pandemia no uso de aplicativos de delivery de comida. Cad. Saúde Pública. 36(11). <http://doi.org/10.1590/0102-311x00148020>
4. Da Silva JC, Quintilio MSV. Automedicação e o uso indiscriminado dos medicamentos: o papel do farmacêutico na prevenção. Rev Iniciação Científica Extensão. 2021;4(2):685-92. ISSN 2595-4261.
5. Ferreira IS; Carvalho CJS. A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública. 2021;7(5):47642-52. ISSN 2525-8761.
6. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Anvisa alerta para riscos do uso indiscriminado de medicamentos. 2021. Available from: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2021/anvisa-alerta-para-riscos-do-uso-indiscriminado-de-medicamentos>.
7. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 96, de 17 de dezembro de 2008. Dispõe sobre a propaganda, publicidade, informação e outras práticas cujo objetivo seja a divulgação ou promoção comercial de medicamentos. Diário Oficial da União. Seção 1.
8. Nascimento WF, Peder LD. A influência das mídias sociais no uso de medicamentos. Visão Acadêmica. 2021;22(3). ISSN 1518-8361.

9. Dutra MRP, Toledo CAB, Sandes PMM, Tenório VA, Pereira VKM. A influência das mídias digitais na automedicação para controle de peso. *Observatório de la Economía Latinoamericana*. 2024;22(12):e8028.
10. G1. A publicitária que foi para a UTI após usar Ozempic sem orientação médica. 2023.
11. Willis E. In-depth interviews with “patient influencers”: exploring how they communicate health literacy on pharmaceutical medications on social media. *J Med Internet Res*. 2023;25:e10131845.
12. Oliveira LP, Souza RCB, Barros JK, Moura GM, Yamaguchi MU. Evidência de validade da Escala de Literacia em Saúde e eHEALS para idosos. *Saúde Debate*. 2022;46(Esp. 6):135-47. doi: 10.1590/0103-11042022E612.revistas google.
13. Souza KB. Self-medication practice of university students of South Brazil and its implications during the COVID-19 pandemic: a cross-sectional study. *BMC Public Health*. 2025;25:708.
14. Garcia, LP; Duarte E. (2020). Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saúde* 29(4). <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742020000400019>.
15. Fantaus SS. Uso irracional de medicamentos: análise do conteúdo veiculado no TikTok sobre medicamentos e suplementos emagrecedores [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Farmácia; 2023.
16. Brito FF, Matos ISS, Vieira WB. A influência das redes sociais na automedicação: uso do Ozempic. In: *Pesquisa, produção e difusão do conhecimento nas Ciências Farmacêuticas*. Ponta Grossa (PR): Atena; 2025. p. 11-120.
17. Melo, J. R. R. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. *Cad. Saúde Pública* 37(4)07. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00053221>